

***Weyu* – Tempo Ingarikó – A coexistência entre o Ancestral e o Digital e sua importância no processo de ensino e de aprendizagem**

Weyu – Ingarikó Time – Coexistence between the ancestral and the
digital and its importance in the teaching and learning process

*Larangera Maurício Salles Ingaricó*¹

*Ananda Machado*²

¹ Doutorando na Universidade Federal de Roraima, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História. Mestre em Sustentabilidade pela UnB. Professor efetivo da SEED-RR. E-mail: lmsalesingarico@gmail.com.

² Orientadora no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História (UFRR). Doutora em História Social PPHIS-UFRJ. Professora do curso Gestão Territorial Indígena-Instituto Insikiran, do PPGL e do PGEDA, UFRR. E-mail: ananda.machado@ufr.br

RESUMO

Este artigo aborda a Nova História Indígena e as ideias de tempo Ingarikó, visando à construção de uma proposta de ensino da história do povo a partir de suas epistemologias, das vozes dos sábios indígenas e da análise de documentos audiovisuais elaborados por visitantes e pesquisadores que estiveram no território Ingarikó. Esses documentos, consultados em Plataformas Digitais na internet, têm a intenção de serem utilizados nas aulas de História das escolas das comunidades Ingarikó.

PALAVRAS-CHAVE: Ingarikó; Ensino de História Indígena; audiovisual.

ABSTRACT

This article addresses the New Indigenous History and the Ingarikó ideas of time, aiming to construct a proposal for teaching the history of the people based on their epistemologies, the voices of indigenous elders, and the analysis of audiovisual documents produced by visitors and researchers who have been in the Ingarikó territory. These documents, consulted on digital platforms on the internet, are intended to be used in history classes in schools within the Ingarikó communities.

KEYWORDS: Ingarikó; Indigenous History Teaching; audiovisual; Roraima.

Introdução

Neste artigo, colocamos em diálogo algumas discussões da área da Nova História Indígena, incluindo as ideias de tempo Ingarikó e a construção de uma reflexão histórica a partir da análise de documentos audiovisuais. Optamos por escrever sempre 'Ingarikó' com letra maiúscula, valorizando o nome do povo e da língua. Quando a palavra aparece como sobrenome, respeitamos o registro de 'Ingaricó'.

O formato de escrita aqui proposto privilegia o modo de escrever e de narrar indígena, baseado na oralidade, como se fosse uma carta. Investe em uma narrativa de nossa memória e militância, buscando comunicar sobretudo com leitores, pesquisadores, professores e discentes indígenas.

Na primeira parte deste texto, o enfoque recai sobre os processos de tradução entre a disciplina de História e o mundo Ingarikó, abordando os conceitos de tempo, de história, de historiador e o sentido que os documentos audiovisuais produzidos no Território *Wii Tîpî*, com a imagem e a fala de lideranças Ingarikó, passam a ter para este povo.

A região Ingarikó, chamada no vernáculo *Wii Tîpî*, está localizada no Extremo Norte do Brasil, na Terra Indígena Raposa Serra do Sol (TIRSS), município do Uiramutã, estado de Roraima. Situa-se na fronteira entre o Brasil, a República Bolivariana da Venezuela e a República Cooperativa da Guiana, nas cabeceiras dos rios Cotingo, Panari e Uailã.

Na segunda parte deste texto, analisamos documentos audiovisuais que projetam a imagem Ingarikó. Cabe lembrar que todos os materiais estudados foram produzidos por não indígenas. Alguns vídeos mostram-se mais sensíveis e respeitosos, enquanto outros revelam equívocos, chegando a discriminar o povo. Ainda assim, optamos por inseri-los para promover discussões, tanto nas

aulas de História quanto na comunidade, sobre a imagem que ‘o outro’ tem construído do povo Ingarikó.

Weyu Mërë Pai Panton Itekare – O Tempo e a História dos Ingarikó

Os pensamentos sobre o que é importante, sobre o tempo e sobre a história do povo Ingarikó diferem, porque cada etnia, língua e cultura possui sua própria forma de nomear e suas categorias de pensamento.

O movimento de incluir as epistemologias e os conhecimentos indígenas, discutidos por pesquisadores indígenas, nas pesquisas acadêmicas, é recente. E este texto caminha na direção da Nova História Indígena, que se dedica à desconstrução da figura do indígena genérico e vitimado. John Monteiro (1994) busca compreender a lógica dos indígenas e defende a ideia de que, mesmo em contato, os povos mantêm suas identidades culturais.

Maria Celestino de Almeida (2003) aborda a tensão entre cooptação e autonomia indígena, privilegiando o protagonismo indígena na história. E Manuela Carneiro da Cunha (1992) critica as escritas da história que evocam antigos fantasmas mais do que revelam quem de fato são os povos indígenas.

Ainda sob a perspectiva da Nova História Indígena, Juciene Ricarte Apolinário (2006) afirma que,

Não é possível mais aceitar tais discursos, pois se sabe que cada grupo indígena tinha e tem um caráter étnico de posicionamento frente aos não indígenas nas diferentes temporalidades e regiões brasileiras. E, mesmo que negados no plano discursivo e na grande mídia atual diante das suas reivindicações e diferentes demandas, os grupos indígenas continuavam e continuam existindo e estão cada vez mais organizados politicamente, reafirmando as suas etnicidades e seus agenciamentos nos processos de contatos interétnicos e nos

posicionamentos diante das legislações indigenistas ao longo da história (Apolinário, 2006, p. 37).

A “humanidade” Ingarikó difere da “ocidental” por incluir outros seres, considerando inclusive o território como uma pessoa. Os Ingarikó sempre protegeram seu território, sua cultura, suas crenças, sua língua e sua forma de ensinar filhos e netos. Esse povo enfrenta diversos problemas que afetam sua cultura, procurando, ao mesmo tempo, adaptar-se a algumas influências não indígenas e rechaçar outras.

Ailton Krenak (2019) colabora com o entendimento da Nova História Indígena, defendendo que o ato de não abrir mão da subjetividade é uma atitude que “suspende o céu”. Ele sugere que os sonhos também sejam considerados no dia a dia. Para Krenak, a forma de analisar e teorizar narrando, contando história e misturando a experiência ao pensamento teórico constitui uma maneira de adiar o fim do mundo. “O desafio que proponho aqui é imaginar cartografias, camadas de mundos nas quais as narrativas sejam tão plurais que não precisamos entrar em conflito ao evocar diferentes histórias de fundação” (KRENAK, 2019, p. 32).

Ainda sobre os sonhos e a capacidade de ouvir as vozes dos ancestrais e de se transformar:

Resistimos a muitas batalhas porque soubemos ouvir a voz dos antigos, que nos falavam em sonhos. É pelo sonho que nos metamorfoseamos nos seres da natureza para ver mais adiante, viajar para longe e reconhecer os perigos que nos rodeiam (Munduruku, 2002, p. 33).

Daniel Munduruku publicou um livro que nos ajuda a compreender a história das lutas do movimento indígena organizado. Ele afirma: “[...] o surgimento do movimento representa a atualização de todas as lutas em que nossos ancestrais se empenharam” (MUNDURUKU, 2012, p. 12). E o

escritor/pesquisador indígena observa a grande diversidade que constitui esse movimento, nas várias formas de conceber o tempo. Ele acredita na necessidade de: “[...] tratar do modo indígena de se posicionar ante o tempo, as transformações e as atualizações” (MUNDURUKU, 2012, p 12).

Para demarcar esse território acadêmico, retomamos alguns valores, corporalidades, espiritualidades e territorialidades indígenas, tanto ancestrais quanto contemporâneas, lembrando que, em algumas línguas indígenas, é comum nomear tempo, espaço e território com uma mesma palavra.

Na língua Guaraní Kaiowá, a palavra *tekoha* passa essa ideia; em Wapichana, a palavra *amazad* abrange os sentidos de tempo, espaço e território. Na língua Ingarikó, *weyu* significa tempo e *paatasek* espaço e território. Portanto, a aula de História e a escola indígena podem trabalhar na direção de territorializar, dentro da instituição, sentidos, práticas e conhecimentos importantes para os povos.

O território *Wîi Tîpî* é atualmente formado por 16 comunidades: *Karumanpaktëi*, *Mapaé*, *Arikaman*, *Manalai*, *Përëyimëtëi*, *Awendei*, *Sauparú*, *Pamak*, *Paraná*, *Mura Meru*, *Área Única*, *Marasué*, *Serra do Sol*, *Kumaipá*, já reconhecidas, além de *Kariso yen* e *Kokko Paru*, que estão em processo de reconhecimento pela Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai). Sua população é de aproximadamente 2.000 pessoas, conforme os dados do Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Inkarîkok (na Língua Indígena) pertence à família linguística Karibe e é chamado de Ingarikó em português, sendo a autodenominação desse povo. O termo significa *inka* (topo da serra ou lugar alto) e *rikok* (pessoa), ou seja, ‘pessoa que vive nesse lugar’.

A ideia de *Weyu* (tempo, ano, mês, dia) já revela algumas especificidades do povo Ingarikó, para quem *Weyu* representa o tempo,

identificando os dias dos acontecimentos passados e presentes, como, por exemplo, na frase: *Sosi utak koka weyu* ('o dia da inauguração da Igreja').

Também usamos *konopî* (ano) para contar, por exemplo, a idade de uma pessoa ou a duração do tempo em que aconteceram outros fatos importantes, ou ainda para narrar a história de vida de alguém. A palavra *weyu* deriva de *wîi/wei*: *we-* significa tempo ou dia e *yu-* indica 'de alguma coisa'. Por exemplo: *arîk amëk weyu* ('tempo das lagartas').

A ideia de *kapîi* – (mês) é necessária para identificar em quantos meses ou anos aconteceu algo marcante na vida da população. E *wîi/wei* (dia) é a palavra usada para contagem dos dias, como em: *Sosi utakkoka tok eesikpî asakrë wîi* ('a inauguração da Igreja aconteceu durante dois dias'). Assim, o povo Ingarikó identifica a história do passado, do presente e realiza a sua própria contagem do tempo.

Em língua Ingarikó, *kapîi* significa lua; portanto, falamos *kapîi* para expressar um mês, em referência a um ciclo lunar. Não há nomes específicos para os meses na língua Ingarikó, pois existe apenas uma contagem baseada na lua, como *tiwin kapîi* (um mês), *asakrë kapîi* (dois meses) e assim por diante.

Atualmente, para marcar os anos e os meses, os Ingarikó utilizam o *wekuik*, feito de corda ou cipó, que funciona como um calendário de atividades. Ele marca dias, semanas e meses. O *wekuik* possui vários amarrados, chamados de "nós", que indicam os dias da semana e do mês, incluindo sábado e domingo.

Os nós são identificados com cores diferentes para distinguir o sábado e o domingo. Além do mais, assinalam o dia escolhido para a realização de atividades, como a festa da Igreja, o Dia dos Pais e das Mães, entre outras atividades coletivas e individuais.

Como mencionado na monografia do curso Licenciatura Intercultural (Ingaricó, 2012), o calendário de todos os acontecimentos e atividades dos

períodos semanal, mensal e anual é chamado *wekuik*, na língua Ingarikó. Ele é feito de uma corda com nós que marcam as datas importantes.

De acordo com o conhecimento ecológico dos Ingarikó, existem cinco principais estações do ano: *toronkan* (verão), *wîi Piya* (segundo verão), *tîmon* (inverno), *kaktarok* (tempo de cigarra) e *iwankan* (tempo de passar fome) (Ingaricó, 2012). Essas estações são fundamentais para marcar o tempo que transcorre ao longo de um ano Ingarikó.

Todas as atividades Ingarikó são divididas de acordo com as estações do ano: no *toronkan* (verão), os Ingarikó realizam as atividades de preparação das roças, somente na mata virgem, com plantação, construções de casas, pescaria com timbó nos rios, nos igarapés, nos lagos e também a caçada. Há plantas importantes para os Ingarikó, tais como o *aya* (timbó), que é um tipo de cipó venenoso usado para matar os peixes. Essa planta só pode ser encontrada na floresta.

No período de *wîi piya* (segundo verão), os Ingarikó fazem roças na capoeira, na mata baixa e nova. Durante o *tîmon* (inverno), realizam pescaria com jiqui e timbó em lagos e igarapés, além de pegar tanajuras e rãs. Na época de *kaktarok* (tempo de cigarra), dedicam-se à limpeza de roças, à caça e à pesca com anzol. Já no tempo de *iwankan* (tempo de passar fome), as chuvas intensas mantêm as pessoas em casa, sem sair para o trabalho e buscar seus alimentos.

Além dessas estações, há o tempo da grande festa da população, chamado *Kiriksimoksi* (Natal). A palavra tem origem no Inglês *Christmas* e foi adotada como símbolo do cristianismo pelos primeiros cristãos. Os Ingarikó aprenderam o termo com os colonizadores missionários, no primeiro contato com os não indígenas. Não se sabe exatamente em que ano isso aconteceu, mas contam que, desde então, os Ingarikó emprestaram essa palavra da língua inglesa para identificar o Natal “*Kiriksimoksi*”.

Maria Odileiz Sousa Cruz (2005), em sua tese, relata a história da evangelização na Guiana Inglesa e os primeiros contatos com os indígenas, ocorridos em meados do século XVIII, por volta de 1740, quando os Akawaio foram visitados pelos não indígenas. Durante essa época, os Ingarikó sempre visitavam o povo vizinho Akawaio e, por meio deles, aprenderam aspectos da cultura não indígena. Também incorporaram palavras da língua inglesa, como: *Sipum* - Spoon (Colher), *Copa* - Lid (Tampa), *Tenki* - Thank you (Obrigado), *Sonte/Suntaka* - Sunday (Domingo), *Monte* - Monday (Segunda-Feira), *Suste* - Tuesday (Terça-Feira), *Wenste* - Wednesday (Quarta-Feira), *Touste* - Thursday (Quinta-Feira), *Pîraite* -Friday (Sexta-Feira). E esses empréstimos permanecem em uso no cotidiano Ingarikó até hoje.

Nesse período de *Kiriksimoksi* (Natal), todas as comunidades se organizam para comemorar os longos dias que se passaram. Essa comemoração é realizada como uma festa de aniversário de todas as pessoas. Por isso, os homens se preparam para caçar e pescar coletivamente, enquanto as mulheres produzem muitas bebidas tradicionais feitas de mandioca, como caxiri, pajuaru, pawaru, paiwa, caxiri de cará, abóbora, inhame, milho e garapa (caldo de cana) fermentada. Caxiri é uma bebida feita de mandioca braba, cozida durante quatro ou cinco horas. A bebida pode ter diferentes sabores. Além do mais, existem vários tipos de caxiri, como o de cará, misturado com a mandioca braba e cozido. Ele pode ser feito com batata-doce, sem misturar com a mandioca. O caxiri de abóbora também pode ser feito puro ou com batata-doce, igualmente sem a mandioca. Já o caxiri de inhame e milho também pode ser preparado com batata-doce, puro ou com mandioca. O caxiri fermentado é uma bebida alcoólica e, quando consumido em excesso, deixa a pessoa embriagada. O pajuaru é feito de mandioca não cozida. Ele é feito com beiju um pouco queimado e molhado com água. O pawaru é feito de beiju queimado, molhado com água morna. O paiwa é feito de beiju, pendurado sobre o fogo para

amolecer e fermentar. A garapa é feita de caldo de cana fermentado, espremida em prensa. Essas bebidas, doces ou fermentadas, são consumidas no dia a dia como alimento. Durante a festa, todas as famílias se reúnem para festejar e beber e comer coletivamente.

Quem é responsável por conhecer, guardar e contar as *pantonitekare* – histórias interessantes, são os *Panton Esak* (pessoas que guardam as histórias) e os *Panton Iktunin* (pessoas experientes). No próximo tópico aprofundaremos essas concepções.

***Panton Esak, Panton Iktunin* – Guardiões e Conhecedores das Histórias**

Para nós, Ingarikó, *panton itekare* significa ‘história importante’. Na escola, queremos refletir sobre essa história, abordando como se iniciou a nossa vida, para repensar de maneira crítica nossa própria trajetória e nossas origens.

A palavra *panton* significa ‘história’ na língua Ingarikó, sendo um tipo de texto narrado conforme as vivências desse povo, que descreve tanto o passado quanto o presente. Há intelectuais indígenas discutindo as classificações de gêneros textuais específicos de suas culturas e línguas. O gênero narrativo *panton* é típico da cultura Ingarikó e possui características únicas. Outros povos com línguas da família Karibe também utilizam a categoria *panton*.

Nesse contexto, a escola foi reivindicada no território Ingarikó na década de 1980, mas não funcionou por falta de professores. Em 1993, foi implantada na comunidade Manalai, com o objetivo de alfabetizar crianças e jovens na língua portuguesa, para que pudessem ajudar os pais e tuxauas na leitura e na escrita, quando necessário, durante reuniões, seminários, assembleias, entre outros movimentos indígenas.

Essa reivindicação da implantação da escola na comunidade Ingarikó

aconteceu sem o reconhecimento do Estado. A comunidade foi atendida com a escola de 1ª à 4ª série, funcionando como sala anexa do povo Macuxi, vizinho dos Ingarikó e que já possuía escola há mais tempo.

A partir da assembleia geral do Povo Ingarikó, realizada na comunidade indígena Manalai em 1997, foi reivindicada a implantação da nova modalidade de ensino da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental. Em 2000, essa modalidade começou a funcionar apenas na comunidade Manalai e, em 2001, foi implantada também na comunidade Serra do Sol. Essas duas comunidades são as mais populosas da região, razão pela qual a escola foi implantada nessas localidades.

Em 2015, de acordo com a reivindicação do povo Ingarikó, foi implantada a nova modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo principal desse ensino médio EJA era formar os alunos para entrarem na universidade e, assim, contribuírem com o povo. Atualmente, o povo Ingarikó necessita de uma formação nas áreas de educação e saúde para atender à demanda das comunidades.

Hoje já se observam os resultados dessas reivindicações: os Ingarikó atuam como Agentes Indígenas de Saúde, técnicos de enfermagem e professores. Além disso, continuam buscando e aprofundando o conhecimento na área de educação por meio da universidade.

Na série “Gente Verdadeira”, disponível na plataforma de *Stream Tv Cultura*, há referência à origem Ingarikó como um povo que veio do céu, mas entre os indígenas não há unanimidade sobre essa versão da história. No doutorado, estamos aprofundando os conhecimentos sobre as diferentes versões que narram de onde viemos.

Nas comunidades Ingarikó, há pessoas que guardam as histórias e são chamadas de *panton esak*. Elas são consideradas documentos vivos e guardiãs da história, porque possuem conhecimentos que não estão escritos no papel, mas preservados na memória. O *panton ik tunin* é o conhecedor, uma pessoa

experiente que pode ser idosa, jovem ou criança. Essas pessoas aprendem por meio da oralidade e não da escrita; contudo, após a implantação da escola na comunidade, os jovens e professores passaram a registrar por escrito algumas *panton itekare* (histórias importantes).

Como a maioria dos idosos, guardiões e experientes na contação de histórias não são alfabetizados, eles ensinam e repassam as histórias para os jovens e crianças oralmente, sem o uso da escrita alfabética. Fazem assim há muito tempo, para não perder as *panton itekare* (histórias importantes). Dessa forma, as histórias vêm sendo repassadas ao longo do tempo, de geração em geração. Isso é uma forma de valorização e preservação do patrimônio cultural do povo Ingarikó. Há discussões no campo da história que são compatíveis com a forma de ensinar história Ingarikó. Nesse sentido, Leite menciona que,

[...] A valorização de seu patrimônio deve vir acompanhada por ações de reparação e reconhecimento, como o ensino de história indígena e educação antirracista. Neste sentido, a escola pode ocupar importante papel nas ações de salvaguarda dos patrimônios culturais de povos tradicionais. Há muito tempo ela é fundamental para a implantação de políticas de educação patrimonial, ensinando aos alunos o desenvolvimento do afeto pelas belezas do passado (Pinheiro, 2017). Por que não pode ter um papel fundamental no reconhecimento e valorização da beleza de bens culturais imateriais presentes hoje entre os povos indígenas? (Leite, 2020, p. 61).

Nas comunidades Ingarikó, e fora delas, vivemos uma relação dinâmica entre passado, presente e futuro. Por isso, consideramos eficientes tanto na educação, quanto na escola, a prática da didática dos *panton esak* e dos *pantonik tunin*. Cabe lembrar, que mesmo tendo na escola Ingarikó uma disciplina específica para o ensino de história, o aprendizado da história se dá nos mais diversos modos e lugares, em eventos políticos, movimentos sociais e documentos audiovisuais.

Entre nós, indígenas, o aprendizado se dá, sobretudo, pela escuta dos mais velhos, como já mencionamos, e também por meio da formação política em eventos do movimento indígena organizado, além do conhecimento e da construção das regras que regem a vida em comunidade.

Atualmente, por intermédio do movimento indígena organizado, as crianças, jovens e professores aprendem e conhecem a história do seu povo. Participamos das lutas pelos nossos direitos e pela preservação das terras. Assim, crianças e jovens se tornam conhecedores experientes na história. Por essa razão que os alunos participam dos eventos como a assembleia geral do povo Ingarikó, os seminários e as comemorações das Igrejas. São eventos importantes que realizamos pelo menos uma vez por ano.

Como já afirmamos aqui, os *panton esak* e os *panton ik tunin*, nossos historiadores, têm conhecimento da nossa história, não pela escrita, mas pela oralidade. E na visão dos alunos Ingarikó, os professores Ingarikó também são reconhecidos como historiadores na escola, porque eles conhecem, aprendem e transmitem a história por meio da oralidade e também da escrita.

Para trabalhar com essa temática, levantamos a seguinte questão: como os professores Ingarikó podem organizar seu conteúdo em sala de aula, sem desvalorizar o modo de construir a memória dos anciãos? Na nossa concepção, para não desvalorizar a memória dos anciãos, é fundamental ouvir e registrar suas experiências e memória, dialogando com eles. Dessa maneira, a escola ajuda a manter a memória dos nossos ancestrais viva. Nessa perspectiva, como possibilitar aos discentes o desenvolvimento de habilidades e competências próprias da ciência da História, que atribuam sentido às suas decisões na vida prática? Uma das respostas pode ser construída a partir da reflexão sobre a forma como as pessoas pensam, interpretam e lidam com as suas experiências ao longo do tempo.

Assim, a interpretação do que se ouve e lê, bem como a crítica, orientam o processo de ensino e aprendizagem da História, incluindo na escola o conhecimento que cada um possui sobre a própria trajetória. Ao mesmo tempo, nós, professores, também ensinamos a História indígena de maneira mais ampla e também a História considerada universal.

Registros audiovisuais do Areruya nas aulas de História

A palavra *Areruya* é emprestada de outra língua, da língua que chegou e era para nós estrangeira, é uma adaptação da palavra Aleluia. Quando os cristãos encontraram os Ingarikó, eles nos influenciaram com essa palavra e com a cultura deles. Por esse motivo os Ingarikó adotaram essa palavra para nomear o ritual. Mas não significa que o *Areruya* surgiu somente a partir desse contato com os não indígenas, porque essa prática de ritual sempre existiu na ancestralidade dos Ingarikó. Na verdade, na língua Ingarikó o nome desse ritual é *Eren*, que significa canto para dançar e alegrar. E esse rito serve para benzer alimentos, plantas cultivadas e outras coisas importantes. *Eren* é também um meio de comunicação com *Paapa* (Deus).

Atualmente, esse ritual *Areruya* é conhecido como uma religião própria dos Ingarikó, que é praticada também por outros povos, como os Makuxi, Patamona, Akawaio e Taurepang. Antigamente, os Ingarikó praticavam esse ritual nas casas de uma família ou no pátio da comunidade, mas hoje as cerimônias são realizadas na *soosi* (Igreja), construída especificamente para esse ritual.

Areruya é um tipo de ritual que acontece com música, dança e reza Ingarikó, que segue sendo praticado nas comunidades indígenas da região *Wii Tîpî*, contribuindo para a continuidade das tradições ancestrais Ingarikó. Há

alguns registros sonoros e audiovisuais realizados por nós, indígenas, mas também por quem trabalha e visita nossas comunidades.

Neste momento, está em andamento um processo de inventário deste patrimônio imaterial, solicitado na 13ª assembleia Ingarikó, realizada em 2012. O financiamento foi concedido neste ano pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e a pesquisa está sendo desenvolvida em parceria com a UFRR.

O *Areruya* abrange vários aspectos: espirituais, sociais, políticos e ambientais. O ritual é uma referência importante da identidade cultural e da resistência Ingarikó. Ele reforça laços comunitários, orienta práticas sociais e educativas. O reconhecimento do *Areruya* como Patrimônio Cultural brasileiro contribui para sua salvaguarda. Esse processo assegura que os saberes e significados transmitidos pelos mais velhos Ingarikó sejam preservados e fortalecidos entre as gerações desse povo (Iphan, 2025).

Após assistirmos aos vídeos gravados há anos por não indígenas que visitaram o território Ingarikó, decidimos, neste artigo, propor uma comparação e elaborar uma metodologia para apresentar esses documentos nas aulas de História. A intenção é sugerir atividades que façam os discentes equipararem essas referências com as práticas culturais que ainda acontecem hoje nas comunidades.

O primeiro vídeo por nós aqui analisado está no canal de Paloma Monteiro, com o título “Tese Paloma – vídeo 2”, com a seguinte descrição: Abertura da XVII Assembleia. Registro da cerimônia de Areruya pelos jovens Ingarikó, desejando boas-vindas e boa Assembleia na comunidade Kumaipá (2018) (Disponível em: <<https://youtu.be/7RD5rl7J-48?si=baxxU2riq8S6YmMF>>. Acesso em: 8 ago. 2025).

Sempre fazemos cantos e danças de *Areruya* nas aberturas de reuniões, encontros, oficinas e assembleias, para pedir força e proteção à resolução dos

problemas que são discutidos nos eventos. Nem sempre essas apresentações culturais são realizadas apenas pelos jovens, mas há incentivo para que a juventude aprenda, ganhe coragem para se apresentar em público e se torne cada vez mais comunicativa e protagonista na vivência e na continuidade do *Areruya*.

Esses vídeos são postados nas redes sociais e, às vezes, carecem da autorização pelas lideranças. A pesquisadora Paloma Monteiro de Abreu fez a sua pesquisa sobre “Processos de Construção de Identidades étnicas e cívicas em Boa Vista, Roraima: o caso dos Ingarikó, os Kapon do Alto Cotingo” (Tese de Doutorado na Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022). E além desse, existem outros vídeos na tese que mostram como os Ingarikó se organizam e demonstram as práticas culturais realizadas pelos jovens. No vídeo postado pela pesquisadora não há informações sobre o significado daquilo que é expresso. E como a música está na língua Ingarikó, a seguir transcrevemos e traduzimos a canção de boas-vindas aos convidados, registrada no canal da “Tese Paloma – vídeo 2”:

Timaimukupîuyapëkwëpîremapëk

taponopouyerakmaikuwiuyepî

Timaimukupîuyapëkwemaimupëk

pîratapouyerakmaikuwiuyepî

Timaimukupîuyapëkusensimapëk

Inserîpeuyerakmaikuwiuyepî

Como estou usando a palavra e dançando

o irmão está vindo no seu banco pra me buscar

Como estou usando a palavra e transformando minha palavra

o irmão está vindo no banco pra me buscar

Como estou usando a palavra e me transformando

o irmão está vindo como espírito pra me buscar

Esse canto faz parte do *Areruya*, ritual cultural reconhecido como sagrado e muito valorizado pelo Povo Ingarikó. A prática desse ritual acontece

no dia a dia das comunidades: antes de dormir, ao acordar, antes de comer e beber, antes de plantar e colher sementes. Ademais, o *Areruya* é praticado em casamentos e banhos de luz. As práticas envolvem orações, cantos, danças e celebrações. Nesse sentido, esse canto apresentado durante o encontro mostra como o povo Ingarikó se organiza socialmente e politicamente. “O irmão está vindo no seu banco buscar aos outros”. E não somente o irmão, mas a ideia de irmão também inclui as lideranças e demais autoridades que são responsáveis pela população, território e país. Eles se reúnem para fortalecer e buscar a melhoria de vida da sua população. As palavras cantadas durante o *Eren*, também chamado de *Areruya*, são consideradas poderosas: “Como estou usando a palavra e dançando”. Cantadas e dançadas por todos, conectam e embalam a vida Ingarikó, “Como estou usando a palavra e me transformando”. Nesse trecho da música fica claro como cantar e dançar fortalece e transforma.

No canal da Força Aérea Brasileira (FAB), encontra-se o vídeo intitulado “A história do pequeno índio Magnaldo”, acompanhado da seguinte descrição: Esse vídeo é uma homenagem ao pequeno índio Magnaldo, da etnia Ingarikó, que deixou sua aldeia no norte de Roraima para realizar um tratamento contra o câncer em Brasília. Assista e conheça a história desse pequeno menino, além de ver como a FAB auxiliou no reencontro dele com sua mãe na Capital Federal.

O vídeo é praticamente uma propaganda do trabalho da Força Aérea Brasileira. E também faz uma homenagem aos instantes de vida de Magnaldo Ingarikó, que vivia mais afastado da capital. Escreveram Ingarikó com a letra c, diferente do que escolhemos para redigir o nome desse povo. O autor chama a história indígena de “lenda indígena” e “lenda verdadeira”. Nessa perspectiva, os intelectuais indígenas vêm discutindo que a palavra lenda, muitas vezes, é usada de modo pejorativo. Krenak (2019) reconhece a potência dos textos indígenas e a dificuldade que pesquisadores não indígenas têm de nomeá-los e classificá-los. Do mesmo modo, atualmente, os indígenas se identificam como

povo/etnia e não como tribo, pois essa palavra caiu em desuso pelas lideranças, uma vez que há grupos tribais urbanos e o termo carrega sentido pejorativo quando usado para nomear povos indígenas.

As três palavras (tribo, índio, lenda) não são mais utilizadas pelos povos indígenas, principalmente em Roraima, porque para nós essas palavras não fazem sentido para identificar os povos originários (*Kakpok amëk paatawonton, paatawon amëk*). Quando usam essa palavra, sentimos como falta de respeito. Por isso, que os Ingarikó conhecem essas palavras como palavrão e adotam as seguintes palavras: indígena (ao invés de índio), povo ou etnia (ao invés de tribo) e história (ao invés de lenda/mito) para se identificarem. Daniel Munduruku esclarece a necessidade de renomeação de terminologia que o movimento indígena refuta. Em *Mundurukando 1 e 2*, o autor aborda as tecnologias da memória, oferecendo uma contribuição significativa para a reflexão sobre os preconceitos enfrentados pelos povos indígenas (2017).

O caso da morte de Magnaldo Ingarikó ocorreu em decorrência de leucemia, uma doença até então desconhecida pelo povo Ingarikó, já que, em tempos passados, não havia registros desse tipo de enfermidade. Mas, hoje, a partir do contato com a sociedade não indígena, surgiram várias doenças que resultaram em inúmeros casos de morte, não somente entre os Ingarikó, mas também em outros povos indígenas. Esse é um dos grandes desafios enfrentados pelo povo indígena Ingarikó.

O primeiro contato de militares com Povo Ingarikó aconteceu aproximadamente na década 1930. Segundo o senhor João Sales Ingarikó, de 91 anos de idade, morador da comunidade Manalai, os militares entraram na região para construir estruturas de concreto destinadas a marcar os limites da fronteira da Venezuela, da Guiana e do Brasil. Naquele período, alguns Ingarikó trabalharam com os militares: mulheres e homens foram carregadores de cimento, alimento, entre outros materiais, e as mulheres também

trabalharam como cozinheiras. E em troca, recebiam roupas, miçangas, sal, utensílios, espingardas, pólvoras, cartuchos e ferramentas como terçado, machado, enxada, fósforos, dentre outros. Esse acesso a bens e instrumentos era o principal motivo que levava os Ingarikó a trabalhar com os não indígenas, para conseguir aquilo que precisavam.

Esse vídeo pode ser usado nas aulas de História para abordar a presença da Força Aérea na Terra Indígena, contar como separaram o território Ingarikó em três países, como as doenças do 'branco' foram entrando na vida Ingarikó e para narrar a própria história de vida de Magnaldo.

No canal Legendários, com o título: "Felipe Solari vive com tribo indígena em Roraima" e a descrição: O legendário passou alguns dias com a tribo Ingarikó, em Roraima, e mostrou como é viver sem facilidades da civilização moderna (Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jhwzE6epJRI>. Acesso em: 8 ago. 2025).

Felipe Solari participou dos tempos áureos da MTV e a partir de 2010 começou a falar sobre sustentabilidade em um programa de humor, o 'Legendários', da Rede Record, foi nesse contexto que visitou Roraima e fez a reportagem em território Ingarikó. A partir desses vídeos, é possível trabalhar um vocabulário politicamente correto, evitando os nomes: tribo, índio e lenda e usando comunidade, povo, etnia, indígena e história ou literatura.

No canal Douglas Engle, com o título: "*9th Meeting of the Ingariko People, Roraima State, Brazil*", e a descrição em inglês: *Deep in Brazil's Amazon Forest on the Serra Raposa do Sol reserve, near the borders of Venezuela and Guyana, the Ingariko People hold an annual assembly to define their future* (Nas profundezas da Floresta Amazônica brasileira, na reserva da Raposa Serra do Sol, perto das fronteiras da Venezuela e da Guiana, o povo Ingarikó realiza uma assembleia anual para definir seu futuro) (Disponível em: <https://youtu.be/lp0jxU9oTIE?si=vjOCyprgNkhgv28v>. Acesso em: 8 ago. 2025).

Como a descrição do vídeo fala das “profundezas da Floresta Amazônica”, é possível trabalhar com os discentes Ingarikó a poesia “Brasil Profundo”, de Eliakin Rufino, fomentando uma discussão sobre o valor de quem é indígena e vive na Amazônia e no Norte do Brasil.

Não há Brasil Profundo
Brasil profundo foi inventado
Por quem pensa raso
Teóricos da superfície
Acedêmicos urbanos
Intelectuais do asfalto [...]
Quem inventou o Brasil profundo
Nada na superfície de um Brasil colonizado
Não há Brasil Profundo, há pensamento raso
Não há Brasil Profundo, há preconceito e atraso (Eliakin Rufino, 2024)

A poesia merece ser assistida no YouTube com a turma. E após assistirem ao vídeo do canal Douglas Engle e de trabalhar a interpretação da poesia de Eliakin Rufino, é possível relacionar um registro feito por quem esteve na Amazônia, observando-a de fora, com a poesia de um autor que vive em Boa Vista-RR. A partir dessa comparação, a turma pode discutir como se percebe e como gostaria de se mostrar para o mundo.

O vídeo mostra a paisagem das serras, filma de longe e de perto a dança, incluindo narrativa na língua Ingarikó, que não é legendada. O documento registrou também a palestra de Dilson Ingarikó. Na sequência, transcrevemos e traduzimos a música que inicia o vídeo:

Aukuway akwepak katokpe, epînpona wepakkatok pe.
Umaimu ikonekakî paapai.
Para eu sair para o lugar claro, para eu sair para o céu.
Organize, transforme a minha palavra.

Esse canto é um pedido a Deus para organizar a voz do povo e ajudá-lo a superar problemas como pobreza, solidão e tristeza. Atualmente, os povos

indígenas enfrentam desafios para sobreviver, tanto na área da educação, quanto na da saúde. Nesse contexto, durante os encontros, os Ingarikó sempre conversam e pedem auxílio ao Pai poderoso, para que ele possa atender às suas necessidades e reivindicações. Ao mesmo tempo, clamam para que as autoridades competentes respondam às demandas das comunidades indígenas. Logo após o canto de Areruya, Dilson falou em Ingarikó e nós traduzimos: “Vamos sentar para ouvir os convidados. Estou feliz porque, como o nosso coração está triste, vim aqui para curar, transformar o nosso coração e organizar as nossas falas”.

É frequente a participação da liderança Dilson Ingarikó na documentação videográfica do nosso povo, pois muitas vezes é ele quem faz a ponte entre pesquisadores e demais interessados a conhecer e visitar as comunidades Ingarikó. Ele é nascido na comunidade Manalai, Região Ingarikó, município de Uiramutã-RR. E ele foi o primeiro professor e gestor Ingarikó e se qualificar no curso de Magistério Indígena e no Curso Licenciatura Intercultural de Formação Superior Indígena, na área de Ciência da Natureza, do Instituto Insikiran (UFRR).

Dilson foi ainda presidente do Conselho do Povo Indígena Ingarikó (Coping), e membro suplente da Comissão Nacional de Política Indigenista (CNPI). Além de tudo isso, exerceu dois mandatos como vereador pelo Município de Uiramutã-RR. Atualmente, é aluno de Direito e professor da Secretaria Estadual de Educação. Para o povo Ingarikó, ele é o representante mais importante que leva e traz informações para as comunidades e para fora dela.

Entrevistas com a Liderança Dilson Ingarikó

No canal Amazon sat, com o título: “Jornal da Amazônia | Representante Ingarikó assume Secretaria do Índio”, e a descrição: Representante Ingarikó assume Secretaria do Índio em Roraima. (Disponível em: <https://youtu.be/QXVbobXxsSY?si=TPFJ7Wk87ZtXdW7f>. Acesso em: 8 ago. 2025). A matéria anuncia ser Dilson o único indígena a ocupar essa pasta, o apresenta como professor da rede estadual e confunde seu curso de graduação, uma vez que fez Licenciatura Intercultural no Insikiran e não Pedagogia. Ele está pintado e de cocar durante sua cerimônia de posse no Palácio do Governo. E Davi Kopenawa também fala, ressaltando a oportunidade de uma liderança indígena construir uma gestão participativa.

O escritor Daniel Munduruku reflete sobre o movimento indígena e o papel das lideranças, de modo a revelar de onde vem a tendência pelo trabalho coletivo, mesmo quando o ocidente separa pessoas do seu povo, abordando suas histórias com perspectiva individualizada:

Essas pessoas tiveram que fazer um caminho oposto ao que era, até então, trilhado por nossas sociedades. Precisaram abrir mão do ser social em suas comunidades de base para se tornarem indivíduos socialmente significativos numa sociedade que privilegia a biografia (MUNDURUKU, 2012, p. 62).

É possível trabalhar na aula de história o tema “lideranças indígenas em cargos de poder”, abordando as histórias de quem assume cargos em instituições não indígenas e as histórias das lideranças da própria comunidade. A liderança Daiane Taukane, também pensa sobre as relações de poder internas ao território indígena e sobre os sentidos da emancipação política:

Dentro da minha sociedade tem muito dono: dono do mato,

dono dos rituais, dono da caça e pesca. Começamos a valorizar mais a nossa cultura. Então, acho que esse movimento e os nossos líderes, que também foram pra cidade, para encontros, para assembleias, começaram a ouvir a reivindicação de outros povos. Vejo que houve uma mudança muito grande no meu povo internamente, para nos tornarmos o que somos depois desse movimento e dos movimentos que surgiram a partir desse projeto de emancipação (TAUKANE *apud* MUNDURUKU, 2012, p. 199).

No canal O seu podcast agro - Com o título: “Dilson Ingaricó (agricultura indígena)”, e descrição: Hoje vamos falar um pouco sobre a agricultura familiar nas comunidades indígenas com o secretário adjuntos da Secretaria do Povos Indígenas de Roraima, Dilson Ingaricó, venha acompanhar esse papo bem descontraído e conhecer a realidade das comunidades³.

Em entrevista concedida em 2023, pela Secretário do Índio daquela época, afirmou que a Secretaria do Índio (SEI) segue as deliberações das comunidades. Segundo ele, há exigência de carta de anuência e de solicitação formal para a apresentação de projetos. A SEI faz análise do solo e fornece os insumos necessários de acordo com a assistência técnica disponibilizada.

Dilson informou que o programa agroindígena contempla a produção de grãos (milho e feijão), criação de galinhas e peixes, com previsão de implantação da suinocultura, projetos de hortaliças, entre outros. Segundo ele, as famílias são selecionadas para evitar a concentração na divisão dos recursos. Recebem casa de farinha, roçadeiras e, conforme a necessidade, a SEI oferece suporte. No que se refere à comercialização, há incentivo para que os produtores vendam diretamente, sem atravessadores, promovendo a autonomia e a autogestão dos projetos indígenas. Contudo, na prática, poucas dessas iniciativas têm conseguido se manter a longo prazo.

³ Disponível em: <<https://youtu.be/a2LEa5gKxz8?si=OkYW4O-nJOPGzozG>>. Acesso em: 8 ago. 2025.

Na obra “O caráter educativo do Movimento Indígena Brasileiro (1970-1990)”, publicada em 2012, Daniel Munduruku retoma uma fala de Eliane Potiguara, reconhecendo que uma das grandes contribuições do movimento indígena foi provocar polêmicas que impulsionaram debates e resultaram na elaboração de Leis em defesa dos povos.

A partir dessas discussões e desse podcast é possível trabalhar com os discentes indígenas, na aula de História, sobre o que vem de fora para dentro da comunidade e comparar, com perspectiva histórica, o jeito Ingarikó de plantar e de criar animais, com os projetos anunciados por Dilson. Nas aulas de História pode ser interessante ressaltar nomes como Joênia Wapichana, que foi a primeira advogada indígena em Roraima que atuou pela demarcação da TIRSS, foi deputada federal e atualmente é presidente da Funai; Sônia Guajajara, ministra dos Povos Indígenas; Célia Xakriabá, deputada federal, Ailton Krenak, ocupando uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, dentre outro (as).

Dilson foi demitido pelo governador Quartiero, que falou “se fosse uma situação de guerra, ele teria de ser fuzilado, na realidade, mas como nós temos democracia, ele foi demitido”. O fazendeiro, expulso de TIRSS, foi veementemente criticado por Dilson Ingaricó: “demonstrou a pequenez de uma mente humana que não respeita a sociodiversidade de dos primeiros habitantes desse país” (Notícias Brasil, 2017). Esses conflitos e falta de respeito seguem e grandes inimigos históricos dos povos indígenas continuam se elegendo. Essa questão também merece ser fortemente trabalhada na escola para modificar este quadro.

Considerações Finais

A oportunidade de pensar sobre as especificidades do tempo e o modo de viver Ingarikó, em diálogo com os documentos audiovisuais feitos sobre o povo, permitiu redimensionar a forma como vínhamos trabalhando e compreendendo o Ensino de História Indígena na comunidade.

Com a continuidade da pesquisa, pretendo ouvir os *panton esak* e *panton iktunin*, registrando em vídeo e áudio aqueles que autorizarem. E com os que não desejarem ser filmados, realizaremos apenas a transcrição escrita de seus relatos. Nosso objetivo é transcrever e traduzir as histórias, de modo a legendar os vídeos e, posteriormente, organizar um livro didático a ser disponibilizado na escola Ingarikó.

Em relação aos vídeos e *podcasts*, pensamos em seguir utilizando esses documentos para incrementar as aulas de História, propiciando reflexões que sejam relevantes na construção do pensamento histórico dos discentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. **Metamorfoses indígenas e Cultura nas Aldeias Coloniais no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2003.

APOLINÁRIO, Juciene Ricarte. **História da educação e dos Povos Indígenas na capitania de Goiás do Século XVIII**. Tempo Integral, v. 1, p. 1-59, 2006.

CRUZ, Maria Odileiz Souza. **Fonologia e Gramática Ingarikó**. Kapon-Brasil. Tese de Doutorado. Vrije Universiteit. Amsterdam, 2005.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **História dos Índios no Brasil: História, Direitos e Cidadania**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

INGARICÓ, Larangerá M. S. 2012. Wekuik. **O calendário cultural do povo Ingarikó**. Monografia do curso Licenciatura Intercultural. Boa Vista, UFRR.

IPHAN. **Iphan firma parceria com UFRR para registro do ritual Areruya do povo Ingarikó**. Disponível em <Iphan firma parceria com UFRR para registro do ritual Areruya do povo Ingarikó — Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional> acesso em 22/12/2025.

LEITE, Elici Gonçalves Serra. **JerosyPuku, a cerimônia do milho branco dos kaiowá de Mato Grosso do Sul: ensino de história indígena e educação patrimonial**. Dissertação de Mestrado em Ensino de História. Amambai, MS: UEMS, 2020.

MONTEIRO, John Manuel. **Os negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **O menino que não sabia sonhar**. In: MACHADO, Ana Maria; LAGO, Angela; MUNDURUKU, Daniel; PRIETO, Heloisa; MELLO, Roger. Conta que eu conto. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

MUNDURUKU, Daniel. **Mundurukando 2**. São Paulo: UKA, 2017.

NOTÍCIA BRASIL. **Índio que defende demarcação seria fuzilado**. Disponível em <<https://dol.com.br/noticias/brasil/noticia-407672-indio-que-defende-demarcacao-seria-fuzilado.html>> acesso em 22/12/2025.

RUFINO, Eliakin. **Brasil profundo**. Disponível em <<https://youtu.be/LpPIV4TWns0?si=-f11Fw9dcZBrGswK>> acesso em 22/12/2025.